ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA
E NUMISMÁTICA
DE SANTA CATARINA

BOLETIM INFORMATIVO Nº 63

MARÇO DE 2011

ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

Rua dos Ilhéus, 118 sobreloja 9 - Ed. Jorge Daux
CEP 88.010-560 - Florianópolis - SC
Fone/fax: (48)3222-2748

A **AFSC**, fundada em 6/8/1938, é uma Entidade sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/09/1951 e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

A **AFSC** é filiada à **FEBRAF** - Federação Brasileira de Filatelia,
à **FEFIBRA** - Federação dos Filatelistas do Brasil,
e à **FEFINUSC** - Federação Filatélica e Numismática de Santa Catarina.

EDITORIAL

Este número do Boletim Santa Catarina Filatélica retrata o espírito atual do colecionismo: Renovação.

É com força que vemos assuntos polêmicos e delicados, tais como “Joaquim Murtinho e o caso da Cédula de 2 mil-réis de 1900” e “O uso de Jornal Selado em Coleções” serem abordados com franqueza e simplicidade, tentando buscar as respostas certas para as questões apresentadas.

Não menos interessantes são os artigos “Censura Postal no Rio Grande do Sul”, “Competição Mundial de Melhor Máximo Postal criado em 2009 - FIP”, “Selos de Fiscalização em Santa Catarina” e “Fernando Pessoa”.

É assim, aos poucos, que o nosso Boletim consegue ser, mais do que um periódico, um veículo para novas conquistas, tentando estimular o estudo e pesquisa por parte daqueles que buscam esquadrinhar os fatos da história dos objetos de nosso hobby.

Boa leitura,

A Diretoria

ÍNDICE GERAL

Joaquim Murtinho e o caso da Cédula de 2 mil-réis de 1900

Márcio Rovere Sandoval - Montreal, Canadá

Figura 1 – Anverso da cédula de 2 mil-réis da 9ª Estampa do Tesouro Nacional (1900-1920), impressa pela American Bank Note Company de Nova York (R082; P.11). No medalhão temos "Zella", gravura de Sukeichi Oyama, a partir do retrato de autoria de Conrad Kiesel denominado "Saudade".*

* Neste caso um "specimen" ou cédula modelo.

UMA HISTÓRIA SUPREENDENTE

Em 1860, um jovem mato-grossense de apenas 12 anos empreende uma viagem de sua cidade natal, Cuiabá, até a Capital do então Império do Brasil, Rio de Janeiro. Partiu para realizar seus estudos, como seria de se esperar de um filho da oligarquia local. Seguiu em lombo de mula através do sertão, transpondo rios a nado e todos os rigores de uma viagem similar, em uma época em que o interior do Brasil era ainda coberto de matas. O périplo dura cerca de três meses. O nome deste jovem? Joaquim Duarte Murtinho (1848-1911).

Após estudos preliminares, ingressou na Escola Politécnica, no entanto, não se tornou engenheiro e sim um dos mais disputados médicos homeopatas do Rio de Janeiro.

Com a mudança do Regime, entrou para a política. Foi Senador da República (1890-1896, 1903-1906 e 1907-1911) e Ministro da Fazenda de Campos Salles (1898-1902).

Foi um dos homens mais ricos e influentes de sua época, celibatário convicto, nunca veio a constituir família.

Na política fez muitos inimigos, entre eles o deputado sergipano Fausto Cardoso.

Entrando no campo das ***hipóteses***[1], passamos a descrever o que provavelmente aconteceu no caso, dito escândalo, que se tornou famoso na época e que ainda provoca discussões no âmbito da história e da numismática. Vejamos:

Por volta de 1890-92[2], Joaquim Murtinho então com quarenta e poucos anos, mas já ocupando o posto de Senador da República, encarregou o jornalista *Artur Guaraná,* que fazia a cobertura de assuntos econômicos para *O Paiz*, de auxiliá-lo na procura de uma jovem para servir de modelo para a futura cédula de 2 mil-réis do Tesouro Nacional.

A estampa da cédula de 2 mil-réis em circulação na época (8ª estampa) havia sido aproveitada do Império, substituindo-se a efígie de D.Pedro II pela Alegoria da Justiça.

Agora se pretendia substituir a estampa e, para isso, procurava-se uma imagem de *uma jovem bonita, do tipo bem brasileiro, para representar a República.*

O jornalista realizou a busca e encontrou no *estúdio fotográfico Guimarães, estabelecido na esquina das ruas da Assembleia com Gonçalves Dias, a fotografia de uma jovem conhecida nas rodas literárias e jornalísticas de São Paulo, deixando o seu verdadeiro nome em sigilo, referindo-se a ela por "Sinhazinha"*. Ela vivia com sua mãe e colaborava com jovens poetas e prosadores, para o *Diário Popular* e outros periódicos de pouco apuro literário.

Essa jovem foi apresentada a Joaquim Murtinho para servir de modelo à cédula da República. Ela viajou para o Rio de Janeiro e, em seguida, para a Europa. O envolvimento amoroso da jovem com Joaquim Murtinho parece ter ficado evidenciado no desdobrar desses fatos.

Na Europa, a jovem, após ter passado por Lisboa e provavelmente por Paris, dirigiu-se para Viena, onde foi apresentada ao pintor *Conrad Kiesel* (1846-1921) para que este pudesse realizar os retratos que seriam utilizados na futura cédula.

O pintor realizou vários retratos, entre eles *"Dolores"* e *"Saudade"* que foram, em seguida, encaminhados aos Estados Unidos, por influência do Ministro da Fazenda, onde a empresa *American Bank Note Company* (ABNCo.) procederia à realização das gravuras necessárias para a confecção das cédulas.

A ABNCo. encarregou o gravador japonês *Sukeichi Oyama* (1858-1922), que era um funcionário da empresa (1891-1899), de efetuar as gravuras. Ele realizou pelo menos duas gravuras que seriam utilizadas para a confecção das cédulas, uma denominada *"Zella"* (1893), obtida a partir do retrato de autoria de *Conrad Kiesel*, denominado *"Saudade",* e a outra, *"Mima"* (1894) obtida a partir do retrato denominado *"Dolores"*, do mesmo pintor.

Como era praxe na ABNCo., eles utilizaram a gravura *"Zella"*, primeiramente, em três oportunidades, no bilhete de 20 dólares de 1897 (PS627) do *Bank of Nova Scotia* (Província da Nova Escócia – Canadá), no bilhete de 20 pesos de 1898 (PS180) do *El Banco de Concepción* (Chile) e no bilhete de 100 pesos, também de 1898 (PS199) do *El Banco de Coahuila* (México).

Em 1900, finalmente, a gravura *"Zella"* foi utilizada na cédula brasileira (2 mil-réis de 1900, da 9ª estampa do Tesouro Nacional – R082; P.11) e acabou por causar um grande furor na Câmara dos Deputados, sendo o Ministro da Fazenda acusado de reproduzir a figura de uma "meretriz" nos dinheiros do Estado.

---

1 Com base na bibliografia existente sobre o assunto.

2 Este período leva em consideração o ano da realização da gravura *"Zella"*, em 1893.

PERSEGUINDO A VERDADE

Tomamos contato com esta questão há alguns anos através do livro de F. dos Santos Trigueiros, Dinheiro no Brasil, cuja primeira edição é de 1966 e de dois periódicos, um da SNB (n° 50, de 1976) e outro da SFN de João Pessoa (n° 68, de 2001).

Vejamos o caso desde o seu início.

A acusação na Câmara dos Deputados

Na sessão de ***6 de setembro de 1900***, o Deputado sergipano Fausto Cardoso, em linguagem um tanto rebuscada, relatou:

> "(...) Mas o orador atacou o Sr. Ministro da Fazenda[3], desde o primeiro dia, em que falou até o último, e S. Ex. disse que o orador se atirou a ele com a linguagem de arrieiro, com palavras insólitas, ferindo a sua reputação ilibada, etc., etc.
> ***Porventura a linguagem de arrieiro é aquela em que disse que as notas do Tesouro trazem como símbolo da República retratos de meretrizes?***
> Não é demais repetir, quando já o disse o orador e consta dos Anais, que isto é uma verdade.
> Mas denunciar um fato dessa ordem é rebaixar o Parlamento, é linguagem de arrieiro?
> Não. O fato avilta a quem o praticou e não a quem o denunciou. E, em vez da grita que se levantou, o que se devia fazer era demonstrar que ***o Sr. Ministro da Fazenda não tinha realmente posto nas notas do Tesouro retratos tais.***
> Isto não se fez, nem se pode fazer, porque aqui está ***uma nota em que figura uma das meretrizes mais conhecidas na Capital Federal: Sra. Prates.*** **(o orador mostra uma nota do Tesouro, na qual diz estar estampado este retrato.).**
> **Quem poderá negar que esta figura que aqui está não é dessa mulher tão conhecida?**
> **Mas, dirão: "não deveis dizer, deveis poupar uma vergonha à nossa pátria.".**
> O Sr. Benedicto de Souza – Mas V.Ex. pode garantir que foi o Sr. Ministro que a mandou estampar ai?
> O Sr. Fausto Cardoso – Basta." (Brasil. Congresso Nacional. *Anais da Câmara dos Deputados*. V.5, Rio de janeiro, 6 de setembro de 1900, p.144-145). (grifo nosso).

O Deputado Fausto Fragoso era inimigo político declarado do então Ministro da Fazenda Joaquim Murtinho. Vejamos um trecho do seu discurso de *4 de setembro de 1900*:

> *"Sr. Presidente, apesar de ter o espírito cansado e o corpo em ruínas, continuo a desempenhar-me do compromisso, que, na defesa dos interesses nacionais, tomei para comigo mesmo, de mostrar à luz da maior evidência que a doutrina e a conduta administrativa do Sr. Ministro da Fazenda são contrárias ao Direito, à Moral, às Leis, às grandes conveniências públicas."* (Idem, 4 de setembro de 1900, p.63)

3 Joaquim Murtinho.

Até mesmo Rui Barbosa teria entrado na discussão, afirmando ***"ser autêntico o ignóbil corpo de delito"***, acrescentando não haver nada na efígie daquela mulher que não nomeasse uma ***rainha do mundo obsceno***. [4]

O testemunho da historiografia

Em 1990, o historiador José Murilo de Carvalho, na obra ***A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil***, na parte que diz respeito ao uso da alegoria feminina representando a República, nos traz:

> "O exemplo mais escandaloso de desmoralização da República por meio da representação feminina veio de um ministro do governo Campos Sales. ***Em 1900, o deputado Fausto Cardoso denunciou na Câmara dos Deputados o ministro da Fazenda, Joaquim Murtinho por ser "um homem que manda reproduzir nas notas do Tesouro, nos dinheiros do Estado, como símbolo da República, o retrato de meretrizes.*** Segunda a denúncia que provocou tumulto na Câmara e levou a suspensão da sessão, mas que não foi contestada, a foto seria de uma tal ***Sra. Prates***, uma das meretrizes mais conhecidas da capital. Segundo outras versões, seria de ***Laurinda Santos Lobo***, sobrinha e amante de Murtinho. No reverso da nota, a República era representada por uma clássica Palas Atena, de capacete, escudo e lança. **A nota é um resumo precioso. A República, quando não se representava pela abstração, clássica ou romântica, só encontrava seu rosto na versão da mulher corrompida, era uma *res publica*, no sentido em que a prostituta era um mulher pública."** (***In:*** *A formação das Almas: O imaginário da República no Brasil.* José Murilo de Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.88/89). (grifo nosso).

Em 1996, o historiador Fernando Antonio Faria, retomando o mesmo assunto na obra ***Arquivo das Sombras: A privatização do Estado brasileiro nos anos iniciais da Primeira República***, comentou:

> "As relações promíscuas entre negócios e política vigentes eram o reflexo invertido de uma visão de mundo incapaz de ordenar e distinguir os limites do campo público do privado, numa sociedade em que ainda, a ordem burguesa encontrava fortes resistências a sua implantação. Murtinho pertenceu a uma geração que presenciou a universalização do dinheiro como valor fundamental da sociedade. Sua existência esteve toda voltada para acumulação de riqueza. Difícil identificar algum ato de sua vida adulta que não tivesse por trás de si a perspectiva de ganho material. Seu contato com o mundo era orientado pelo dinheiro e sua avaliação era precedida por um cifrão. Como o dinheiro público sempre teve a mesma cor e formato de dinheiro privado, a confusão entre estas duas instâncias era insolúvel em sua maneira de ver o que lhe rodeava. ***Modelo acabado de que acabamos de dizer foi o caso da cédula***

4 Boletim da Sociedade Numismática Brasileira (SNB), n° 50, São Paulo, 1976.

de Rs. 2$000. Utilizaremos mais uma vez duas versões para expor o episódio: uma crítica e outra justificante. José Murilo de Carvalho, em sua obra sobre *A Formação do Imaginário da República no Brasil*, na parte destinada ao estudo do uso da alegoria feminina para representar a República, apontou Joaquim Murtinho como o responsável pelo "exemplo mais escandaloso de desmoralização da República por meio da representação feminina"[5] O historiador refere-se à denúncia feita pelo fervoroso adepto de Herbert Spencer, deputado Fausto Cardoso, de que o ministro da Fazenda Joaquim Murtinho era ***"um homem que manda reproduzir nas notas do Tesouro, nos dinheiros do Estado, como símbolo da República, o retrato de meretrizes***"[6]

A figura feminina impressa na cédula de Rs. 2$000 em 1900, segundo o parlamentar sergipano era atribuída à ***senhora Prates***, prostituta de renome no Rio de Janeiro. ***A afirmação bombástica, seguida de exibição da cédula, apesar de ter provocado a suspensão da sessão da Câmara dos Deputados, não foi refutada.*** A imagem do mau exemplo que provocou tal indignação, segundo outros, não era da citada senhora, mas de ***Laurinda Santos Lobo, sobrinha e amante do celibatário de Santa Teresa.*** O historiador mineiro concluiu que a República "só encontrava seu rosto na versão da mulher corrompida, era uma ***res publica***, no sentido em que a prostituta era uma mulher pública". [7]

O mesmo caso narrado, quase meio século depois de ocorrido pelo jornalista do ***Jornal do Commercio***, que assinava suas matérias com as iniciais "J.L", assumiu feições distintas. O articulista reproduziu em sua coluna o diálogo que mantivera na semana anterior com ***Juvenal Murtinho*** na tradicional rua Gonçalves Dias, no centro da cidade do Rio de Janeiro, publicado no citado jornal durante a semana comemorativa do centenário do nascimento do ilustrado brasileiro. ***Nessa versão, o ministro da Fazenda quando da emissão de papel-moeda em 1900, decidira decorar a nova cédula de Rs. 2$000 com uma estampa feminina jovem, bonita e com tipo bem brasileiro. Para tanto encarregou o jornalista Artur Guaraná, que fazia a cobertura de assuntos de economia para O Paiz, de se desincumbir da tarefa[8].***

Após levantamento feito pelo periodista no estúdio fotográfico Guimarães, estabelecido na esquina das ruas da Assembléia com Gonçalves Dias, localizou a fotografia de uma moça conhecida nas rodas literárias e jornalísticas da capital de São Paulo, no período 1895-1898, cujo verdadeiro nome foi omitido por "J.L.", referindo-se a ela por "Sinhazinha". A jovem senhora vivia com sua

---

5 José Murilo de Carvalho. "República-Mulher: Entre Maria e Marianne" In: A Formação das Almas. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.75-107.

6 Brasil. Congresso Nacional. *Anais da Câmara dos Deputados*. v. 5 e 6, p.62, 114, 145. Apud: Id. Ib. p.89-9. Vide também nesta obra: p. 149, nota 12.

7 Id. Ib. p.89.

8 J.L. [pseudo]. "Joaquim Murtinho". Rio de Janeiro: *Jornal do Commercio*, 11/12/1948, p.5)

mãe e colaborava com jovens poetas e prosadores, para o Diário Popular e outros periódicos de pouco apuro literário. O autor, em momento algum, estabeleceu qual era a fonte de onde ela tirava seu sustento. Repentinamente, "Sinhazinha" viajou para o Rio de Janeiro e tempos após para a Europa, retornando à capital brasileira em virtude de moléstia grave que contraíra em Lisboa. Teria falecido no ostracismo[9] . Outra lacuna deixada pelo articulista foi o destino da mãe da jovem. O jornalista assinalou que, logo depois de ter entrado em circulação a nova cédula, levantou-se uma enorme onda de indignação que, do Rio de Janeiro, se irradiou para o restante do país, com a condenação daquele abuso de poder. A efígie seria de uma pessoa a quem Murtinho "prodigalizava os seus favores em troca daqueles que a dama não lhe regateava"[10]. Com toda a impressão presente em sua formulação e com a característica escorregadia de sua redação, o depoimento feito em 1948 não entrava em choque com a interpelação feita por Fausto Cardoso na Câmara dos Deputados em 1900, e resgatada por José Murilo de Carvalho em 1990. O spenceriano convicto, por certo, jamais poderia imaginar que sua decisão provocaria tanta celeuma, ganhando até mesmo o epíteto de escândalo. Ora, para o solteirão de Santa Teresa tudo era proveniente do dinheiro e à forma de dinheiro retornava. Havia dedicado sua vida inteira ao trabalho de amealhar o vil metal, e só através dele conseguia comunicar-se com os seus contemporâneos, mesmo tratando-se de questão tão íntima. No caso em tela, ele fora presa de sua própria armadilha, armada na interseção entre público e privado." (***In:*** *Arquivo de Sombras: A privatização do Estado brasileiro nos anos iniciais da Primeira República*. Fernando Antonio Faria. Rio de Janeiro, Sette Letras, c.1996, p.59-62). (grifo nosso).

Acreditamos que esta última versão contida no *Jornal do Commercio* é a que mais se aproxima da realidade, motivo pelo qual a inserimos na primeira parte desta matéria, como sendo a hipótese mais provável desses acontecimentos.

A questão no âmbito da Numismática

O Meio Circulante[11] em 1900

Durante o Império circularam 23 cédulas[12] emitidas pelo Tesouro Nacional e impressas pela empresa *American Bank Note Company* de Nova York (ABNCo.). As primeiras cédulas impressas por esta empresa para o Tesouro Nacional foram emitidas em 1869, nos valores de 5$000 réis (7ª estampa) e 10$000 réis (6ª estampa).

Tivemos uma outra empresa que realizou impressões para o Tesouro Nacional, a inglesa *Perkins, Bacon & Peth* (e seus sucessores), esta desde 1835.

9 Id.Ib.

10 Id. Ib.

11 O Meio Circulante de um país é representado pelo conjunto de cédulas e moedas que circulam ou circularam, neste caso trataremos apenas das cédulas do Tesouro Nacional.

12 Não considerando as variações nas estampas.

Daquelas 23 cédulas da ABNCo, 20 continuaram em circulação após a queda do Império (todas com a efígie do Imperador D. Pedro II), sendo que a última somente perdeu o valor[13] em 1922 (ano do Centenário da Independência).

As emissões da República tiveram início em 1890, com quatro valores, 2$000, 5$000, 10$000 e 20$000 réis, com estampas aproveitadas do Império, substituindo-se a efígie do Imperador por símbolos republicanos. O mesmo aconteceria em 1891, com a emissão da cédula de 1$000 réis em que temos o Palácio Imperial (hoje Museu Imperial) substituindo a efígie de D. Pedro II.

A primeira cédula "própria" da era republicana viria apenas em 1892, a cédula de 100$000 réis, com a efígie da República no anverso, portando o barrete frígio[14]. Todas essas cédulas foram impressas pela ABNCo.

Desta forma, em 1899 e nos primeiros meses de 1900, tínhamos 20 cédulas do Império que continuavam a circular, 5 cédulas que tiveram a estampa aproveitada do Império (com a adaptação de símbolos republicanos ou a substituição da imagem do Imperador) e 7 novas estampas da República, perfazendo 32 estampas, todas impressas pela ABNCo.[15]

A cédula de 2$000 da 9ª estampa (objeto desta matéria) substituiu a de 2$000 réis da 8ª estampa, que havia sido aproveitada do Império, como vimos.[16]

Em 1900, teríamos ainda a emissão de cédulas de outros dois valores, de 20 e 50 mil-réis, respectivamente da 9ª e 8ª estampas, impressas pela empresa *Bradbury, Wilkinson & Company Limited* (BWC), de Londres. Esta empresa seria adquirida pela ABNCo. em 1903 e mantida como subsidiária autônoma até 1986, quando foi vendida para a *De La Rue*.

A *American Bank Note Company* (ABNCo.)

Empresa criada por *Robert Scot* em 1795 e consolidada em 1856/58. Segundo F. Trigueiros, a história da empresa esta ligada a *Paul Revere*, que *"...em 1775, pela primeira vez, empregou o processo calcográfico na impressão de valores, ou seja, gravou nos Estados Unidos da América o primeiro bilhete de banco, sendo considerado o Pai da Indústria"* (*op.cit*. p.171). A empresa, no decorrer dos anos, produziu, além de cédulas bancárias, selos postais, certificados de ações, cheques de viagem, passaportes, cupons alimentares e outros documentos de segurança.

A ABNCo. foi uma das maiores empresas de impressão de papéis de segurança do mundo, quiçá a maior. Entre as concorrentes podemos citar a inglesa *Thomas de La Rue & Company* (TDLR), hoje, apenas *De La Rue*.

---

13 Desmonetização.

14 Barrete frígio ou barrete da liberdade, espécie de boina, originalmente utilizada pelos moradores da Frigia (Ásia Menor). Foi adotado na cor vermelha pelos republicanos franceses que lutaram pela tomada da Bastilha em 1789, culminando com a instalação da primeira república francesa, em 1793. Por esta razão tornou-se um forte símbolo republicano.

15 Não levando em consideração os bilhetes dos Bancos Particulares, que não fazem parte deste estudo. Trigueiros informa que em 1900 havia 33 tipos de cédulas do Tesouro Nacional em circulação (encontramos 35) e 69 dos bancos particulares (veja Dinheiro no Brasil. F. dos Santos Trigueiros. Rio de Janeiro, 2ª edição, Leo Cristiano Editorial, 1987, p.118).

16 Como as impressões eram realizadas no exterior (fonte de evasão de divisas), as cédulas da estampa anterior e mesmo as do Império, permaneceram circulando.

A ABNCo. produziu cédulas bancárias até a década de 1980. Seu prédio, em Manhattan (70, Broad Street), foi construído entre 1907/1908 em estilo neoclássico e foi vendido a investidores imobiliários em 1984. Os antigos materiais da empresa, como os modelos de cédulas (*specimens*), provas, ensaios e até mesmo chapas de impressão, começaram a ser leiloados a partir de 1993 e ainda podem ser encontrados nos dias de hoje.

A empresa continua existindo, agora com nova denominação - *American Banknote Corporation* (grupo ABnote) - sempre no campo de documentos de segurança.

Atuava no Brasil e foi recentemente vendida. Aqui produzia, entre outros artigos, cartões telefônicos.

Datam de 1857 os primeiros trabalhos realizados pela ABNCo. para o Brasil. Foram os bilhetes da Caixa Matriz do Banco do Brasil (1853-1889). Para o Tesouro Nacional (Órgão que se ocupava do Meio Circulante antes da criação do Banco Central), as primeiras cédulas foram realizadas em 1869 - 5 e 10 mil-réis, apresentando a efígie de D. Pedro II, ainda jovem -, e as últimas em 1966 - cédula de 10.000 cruzeiros (C060 e C060A), trazendo Alberto Santos Dumont e o 14 bis**.**

Portanto, a ABNCo. forneceu cédulas para o Brasil de 1857 a 1966 (109 anos[17]). Uma relação mais do que centenária.

Na concepção das cédulas, a empresa utilizava, com frequência, motivos desenvolvidos por seus gravadores em mais de uma cédula e para países diferentes (como é o caso que analisamos aqui).

No entanto, na maioria das vezes esses temas estavam em consonância com a cultura e história nacional. Existem alguns casos esparsos em que essa regra não foi observada.

O gravador *Sukeichi Oyama* (1858-1922)

Sukeichi Oyama nasceu em *Shimo-arada (distrito de Kagoschima)*, no Japão. Na adolescência foi para Tóquio e, em 1875, entrou para a Escola de Takashima (hoje Universidade Nacional de Yokohama) para aprender inglês.

Devido às suas boas notas foi selecionado para estudar nos Estados Unidos, lá passando dois anos. Após isso, retornou ao Japão e foi contratado pelo Departamento de impressão do Ministério das Finanças, que havia sido estabelecido em 1871.

Em 1885, com nove anos de experiência, ele foi enviado aos Estados Unidos para aprender desenho e gravura em cédulas bancárias, no *U.S. Bureau of Engraving and Printing* (BEP).

Em 1890, retornou ao Japão por um curto período e, em 1891, voltou para os Estados Unidos onde foi contratado pela ABNCo. (localizada, naquela época, na *Trinity Place*, no distrito financeiro de Manhatan) como gravador.

No período de 1891 a 1899 trabalhou como gravador na ABNCo. Esse é o período da sua carreira que nos interessa.

Em 1900, ele retorna ao Departamento de Impressão do Japão, onde gravou, entre outros, o retrato de *Katamari Fujiwara*, para a cédula de 100 yen (P.33).

Sukeichi Oyama chegou a chefe daquele departamento e foi um dos introdutores do estilo Ocidental no Japão. Morreu em 1922.

17 Aproximadamente, salvo algum erro.

Entre as gravuras que realizou[18] e que são pertinentes a esta matéria, temos:

Vinheta[19]	**Denominação**	**Data**	**Inspiração**
C-515	Zella	12/1893	retrato "Saudade" de Conrad Kiesel[20]
C-537	Reverie	5/1894	pintura de Paul Thumann's – "The Fates"
C-538	Mima	1894	retrato "Dolores" de Conrad Kiesel

A gravura **"Zella"**, como vimos, foi utilizada pelo menos durante cinco oportunidades, vejamos:

1. 20 dólares de 1897 (PS627) do *Bank of Nova Scotia* (Província da Nova Escócia – Canadá).
2. 20 pesos de 1898[21] (PS180) do *El Banco de Concepción* (Chile).
3. 100 pesos de 1898 (PS199) do *El Banco de Coahuila* (México).
4. 2 mil-réis de 1900 (P.11; R082) 9ª estampa do Tesouro Nacional (Brasil).
5. 2 mil-réis de 1918 (P.13; R084) 11ª estampa do Tesouro Nacional (Brasil).

A gravura **"Mima"** foi utilizada em pelo menos duas oportunidades, vejamos;

1. 1000 dólares (certificado de ações) de 1895 da *New Orleans & Western Terminal RR* (Estados Unidos).
2. 500 pesos de 1897/1898 (PS200) do *El Banco de Coahuila* (México).

Finalmente a gravura **"Reverie"**[22], utilizada em diversas oportunidades, vejamos:

1. Série de bilhetes da Caixa de Estabilização (R184-190; P.103-109) – Brasil.
2. 50 dólares do Merchants Bank of Canadá (PS 1163) – Canadá.
3. 1000 dólares (certificado de ações) de 1906 da City of Cincinati – Estados Unidos.
4. 1000 dólares (certificado de ações) de 1901 do Newport News & Old Point Rwy & Eletric. – Estados Unidos.
5. 10 centavos (bônus de consumação) do Consumers' friend de 1973 – Estados Unidos.

---

18 As que temos conhecimento.

19 Numeração da ABNCo.

20 Estamos a procura da prova definitiva deste fato, que seria o próprio retrato realizado por Conrad Kiesel.

21 Neste caso existem duas datas sugeridas, uma pelo *WPM-Specialized Issues* , 1883 e outra pelo Catálogo chileno (Billetes de Bancos Particulares y Republica de Chile – Impresos por American BankNote Co. New York), que aponta a data de 1892. Optamos pela data de 1898 que consta de um *specimen* desta cédula que acreditamos estar mais de acordo com a realidade.

22 "Rêverie" palavra que, em francês, significa estar em um estado de distração, a atividade mental esta voltada para as lembranças, seria o sonhar acordado.

As informações dadas por Trigueiros e pelos boletins das sociedades numismáticas.

F. dos Santos Trigueiros trata do assunto no capítulo referente às “Características do Dinheiro”, na rubrica “EFÍGIE”, vejamos:

> *“O aparecimento da mulher, na cédula brasileira, deu margem a muitos comentários, na época em que se verificou o lançamento das notas de 2 mil réis, da 9ª e 11ª estampas, embora o retrato seja reprodução de um quadro denominado “Saudade” do pintor austríaco Conrad Kiesel. A bela cabeça de mulher nas cédulas da Caixa de Amortização é a mesma do reverso da cédula de 100 mil-réis, da 11ª estampa, emitida em 1909, ano que ocuparam a Pasta da Fazenda David Campista e Leopoldo de Bulhões. A maledicência afirmou, no entanto, ser aquela figura a da amante do Ministro da Fazenda da época, fato até hoje tido, por muitos como verdadeiro”* (*op. cit.* P. 179)

O Boletim informativo da S.F.N. de João Pessoa, de 2001, comentando um artigo do Boletim da SNB, n° 50 de 1976, nos traz:

> *“No ano de 1900, o Tesouro Nacional (TN), colocou em circulação uma nota de 2 mil-réis da 9ª estampa, impressa pela American Bank Note Co. trazendo no medalhão a figura de uma bela mulher (D R082). Ao chegar as ruas, muitas pessoas passaram a comentar maliciosamente que a mulher retratada era amante do então Ministro da Fazenda Joaquim Murtinho. Na Câmara Federal dos Deputados acusavam o ministro de representar a república com um retrato de uma prostituta famosa na Capital Federal. Foi um escândalo enorme. Até mesmo Rui Barbosa entrou nas discussão afirmando ser* ***“autêntico o ignóbil corpo de delito”*** *acrescentando não haver nada na efígie daquela mulher que não nomeasse uma rainha do mundo obsceno.*
> *Os deputados governistas defendiam o ministro, alegando que ele ignorava completamente a escolha do tipo representativo da República que era de iniciativa da Casa da Moeda. O TN alegava com razão que a imagem era um detalhe do quadro “Saudade” do pintor austríaco Conrad Kiesel. Logo correu o boato que o governo teria encomendado a um artista pintar o quadro da famosa mulher para disfarçar o embaraço. O TN usou a mesma imagem em 1918 na nota também de 2 mil-réis, 11ª estampa (D R084), alterando apenas as cores.*
> *Joaquim Murtinho, o pivô de toda essa historia foi posteriormente homenageado pelo TN. Sua imagem decora, coincidentemente, as notas de 2 mil-réis emitidas em 1920, 1921 e 1923 (D R086 a 88)* (*In:* Boletim Informativo da S.F.N. João Pessoa – Ano XVII, n°68, out/dez 2001, p.4)

Na sequência, intitulada “A Verdadeira História”, concluem por atribuir ao gravador *Sukeichi Oyama* a autoria do desenho, vejamos:

“O famoso gravador japonês Sukeichi Oyama (1858-1922) trabalhou para a American Bank Note Co. De 1891 a 1899. Nos anos 1893/94 realizou uma série de retratos femininos que não visavam nenhuma encomenda específica, mas eram para o estoque de gravação do ABNC, tanto que foram posteriormente usados em diversas notas ou mesmo em apólices/certificados de ações. Esses trabalhos receberam títulos (Haidée, Zella, Reverie, Mima, Lolita, Tunis Girl). Um desses retratos – Zella – é o que foi usado na cédula de 2 mil-réis, objeto de tanta celeuma. A mesma Zella foi também usada na nota de 100 pesos do Banco de Coahuila, México (PS199) e na de 20 dólares do Bank of Nova Scotia, Canadá (PS627). Na Revista da International Bank Note Society (IBNS – Journal, vol. 40, n° 2, 2001), foram publicados dois artigos que são fundamentais para melhor se conhecer o gravador Sukeichi Oyama.” (Idem, p.4)

Figura 2 - “Zella”, gravura de Sukeichi Oyama (1893), nas diversas cédulas onde foi reproduzida. Na sequência temos: 1) 20 dólares de 1897 (anverso) do Bank of Nova Scotia, Canadá (PS627); 2) 20 pesos de 1898 (reverso) do El Banco de Concepción, Chile (PS180); 3) 100 pesos de 1898 (reverso) do El Banco de Coahuila, México (PS199); 4) 2 mil-réis de 1900 (anverso) do Tesouro Nacional, Brasil (P.11;R082) e 5) 2 mil-réis de 1918 (anverso) do Tesouro Nacional, Brasil (P.13;R084).

Analisando a questão

Antes de tudo, devemos observar, como o filósofo Bacon, *que o ser humano prefere crer a examinar*.

Tentando fugir à regra, vamos examinar.

A acusação feita pelo Deputado Fausto Cardoso, como consta da ata de *6 de setembro de 1900*, não foi contestada diretamente pelo Ministro da Fazenda (Joaquim Murtinho).

Era uma acusação grave. Estamos num campo altamente conservador, e quando se fala em representação nos “dinheiros do Estado”, estamos falando de um poderoso meio de comunicação, que atinge toda a massa da população, diríamos, o rico, o pobre, o letrado e o iletrado, o observador e o distraído[23]..., motivo suficiente para o rigorismo que acompanhou e ainda acompanha toda a

23 Mensagem subliminar.

existência de nosso Meio Circulante, seja nas moedas ou nas cédulas. Este é um fenômeno que pode ser verificado praticamente no mundo todo.

Pela fala do Deputado notamos que, apesar da gravidade das acusações, ele não apresentou nenhuma prova definitiva que pudesse comprometer o Ministro. Além dos mais, foi impreciso. O Deputado menciona "retratos de meretrizes" e "notas do Tesouro", no plural. Na verdade, havia apenas uma cédula (a de 2$000 réis de 1900).

O Meio Circulante da época era complexo, composto, além das cédulas do Tesouro Nacional, das novas cédulas da República e de muitas estampas do Império (como vimos). Tínhamos ainda várias cédulas dos Bancos Particulares, que seriam recolhidas paulatinamente pelo Tesouro Nacional.

Mas, não obstante, a acusação não poderia ser gratuita, justamente pela gravidade do fato. O Deputado não iria se arriscar a fazer tal afirmação baseando-se apenas em boatos, mesmo que, devido às circunstâncias, nada pudesse ser provado.

Também devemos considerar que o Deputado não conhecia toda a amplitude dos fatos e que, a partir da denúncia, tudo desaparecera, a moça, o retrato, restando apenas alguns indícios.

Nos boletins das Sociedades Numismáticas e em F. dos Santos Trigueiros, encontramos algumas informações interessantes. Os Deputados governistas teriam defendido o Ministro, afirmando que ele ignorava completamente a escolha do motivo a ser representado na cédula e que a imagem havia sido obtida a partir de um detalhe do quadro denominado *"Saudade"* do pintor austríaco *Conrad Kiesel*.

Em Trigueiros, a mesma historia: *reprodução de um quadro denominado "Saudade" de Conrad Kiesel.* No entanto, Trigueiros menciona as cédulas de maneira confusa, a cédula da 11ª estampa (cédula semelhante à da figura 1, mas com as cores alteradas) foi emitida apenas em 1918, portanto, longe desses acontecimentos. Além disso, Trigueiros menciona as cédulas da Caixa de Estabilização, que apesar de serem do mesmo gravador[24], *Sukeichi Oyama*, foram emitidas apenas em 1926. No medalhão dessas cédulas temos a imagem denominada "Reverie", que foi "inspirada" (podemos até dizer que é a gravação em *talho doce*[25] da imagem sendo uma reprodução fiel e não apenas inspiração), na pintura de Paul Thumann's – "The Fates", como anotamos acima. Neste caso, temos a prova de que os gravadores da ABNCo. utilizavam imagens de outros artistas.

Quem foi ***Conrad Kiesel***? Ele existiu? Sim, foi um pintor alemão (1846-1921), estudou originariamente arquitetura na Academia de Berlim, foi também escultor antes de se dedicar à pintura, tendo alcançado grande sucesso. *Kiesel é conhecido pela representação de belas jovens, não tanto pelo retrato em si, mas pela homenagem à beleza feminina que eles representam. Essa perfeição é maximizada pelo notável acabamento e pela pureza de tons em suas pinturas e o exotismo mostrado dos povos do sul e do leste.* Alguns de seus trabalhos foram publicados no *"The Illustrated London News"*, de 1883 a 1889[26]. Seu trabalho ficou conhecido através do mundo e está representado em inúmeras coleções na Europa e nos Estados Unidos. Ele morreu em Berlim, em 1921. De sua obra, vamos destacar aqui apenas o que nos interessa diretamente.

24 O medalhão com efígie de "Reverie".

25 Calcografia.

26 O que pudemos encontrar.

A *ABNCo.*, através de seu gravador, *Sukeichi Oyama*, utilizou o retrato de Conrad Kiesel, denominado **“Dolores”** para realizar a gravura **Mima** (Vinheta n° C-538 – 1894), veja as duas primeiras imagens da figura 3 e a segunda da figura 4. Trata-se da “mesma” imagem, nos mínimos detalhes.

A gravura Mima foi utilizada pela ABNCo. para ilustrar a cédula de 500 pesos do Banco de Coahuila, de 1898 (PS200). Dessa mesma “família”, faz parte a cédula de 100 pesos em que temos “Zella”. Esses dois retratos parecem ser da mesma jovem.

Encontramos diversas obras de Conrad Kiesel, mas não a denominada “Saudade” que teria sido a “inspiração” para a realização de “Zella”, por *Sukeichi Oyama*.

Saudade, palavra originária do latim *“solitatem”* que quer dizer solidão, só é conhecida no galego e no português. É uma das palavras mais presentes na poesia de amor da Língua Portuguesa. Teria surgido no tempo das navegações para representar o sentimento de falta, causado pelas longas viagens.

Figura 3 - 1) Mima, gravada por Oyama, certificado de ações da New Orleans & Western Terminal RR, 1895, Estados Unidos; 2) Mima, 500 pesos de 1897/1898 (reverso), PS200, do El Banco de Coahuila, México; 3) ?, 200 mil-réis de 1908 (reverso), (R147; P.76) do Tesouro Nacional, Brasil; 4) Reverie, 10 mil-réis de 1926 (anverso), (R184; P.103) da Caixa de Estabilização, Brasil e 5) Reverie, 100 mil-réis de 1909 (reverso), (R136; P.65), do Tesouro Nacional, Brasil.

Das cédulas brasileiras do mil-réis do período republicano, existem apenas três imagens representando a República que não são do modelo clássico, ou seja, apresentando o barrete frígio[27]. Essas imagens são: “Zella”, “Reverie”, ambas do gravador *Sukeichi Oyama*, como vimos, e finalmente a que se encontra na cédula de 200 mil-réis de 1908, também da ABNCo, cuja autoria desconhecemos, mas que pode bem ser da mesma “jovem” representada nas outras imagens.

Dos retratos de *Conrad Kiesel*, a pintura denominada “Senorita” (figura 4.1), ao nosso ver, é a que mais se aproxima da gravura denominada “Zella” (figuras 1 e 2), tendo em vista que não conseguimos encontrar a pintura denominada “Saudade”. Existem semelhanças entre elas, Conrad Kiesel pode ter realizado vários retratos e não apenas um, afinal, “a jovem vinha do Brasil”[28].

27 Existem algumas pequenas imagens que não portam o barrete frígio, mas não apresentam nenhuma particularidade que as individualize como é o caso dessas três imagens.

28 Referência ao fato de ter a jovem brasileira realizado uma viagem transoceânica que, naquela época, era muito custosa e pouco frequente. Assim, seria estranho que o pintor realizasse apenas um retrato da jovem, considerando a longa viagem até Viena.

Figura 4 - 1) Pintura de Conrad Kiesel denominada "Senorita" de 1885; 2) retrato do mesmo autor denominado "Dolores", e que foi utilizado por Sukeichi Oyama para a realização da gravura "Mima" (confiram é a mesma imagem em todos os detalhes – vejam o detalhe da mão); 3) pintura de Paul Thumann's – "The Fates", também utilizada por Oyama na realização de "Reverie".

Conclusão

Não podemos afirmar com certeza que a gravura "Zella" da cédula de 2 mil-réis de 1900 foi mandada executar por determinação do então Ministro da Fazenda Joaquim Murtinho. Mas isto não é impossível de ter acontecido, como muitos afirmam.

As datas (nem sempre confiáveis) são todas do período considerado, mesmo que haja algumas distorções. As imagens comprovam que os gravadores da ABNCo. utilizavam pinturas de artistas para realizar suas gravuras (aliás, não existe nada de reprovável nessa ação) e que empregavam essas gravuras em mais de uma cédula, também, uma atitude normal, considerando o trabalho envolvido.

Um dos retratos de Conrad Kiesel, "Dolores", foi utilizado por *Sukeichi Oyama* para realizar uma de suas gravuras, como vimos. Ficou, assim, estabelecido um liame entre os dois artistas.

A afirmação de que a jovem era uma "meretriz" refletia o estado de desenvolvimento social da mulher no início do Século XX. Uma jovem que aos dezoito anos, ou até menos, não fosse casada e com filhos, era mal vista. E ainda se participasse da vida artística, teatral, etc, não haveria dúvidas de *"que se tratava de uma rainha do mundo obsceno"*, nas palavras de nosso jurista mais famoso.

Sobre esse assunto, temos a citação de Charles Expilly e a "constatação" da Revista Íris de 1905, vejamos:

"Uma mulher já é bastante instruída quando lê corretamente as suas orações e sabe escrever a receita de goiabada. Mais do que isso seria um perigo para o lar". **(Charles Expilly, cronista francês) (In: Nosso Século, 1900-1910. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p.112).**

"Aos doze anos, a mulher é a crisálida que espera a luz do amor para tornar-se dourada borboleta; aos treze, é um poema lírico a que falta a última estrofe; aos catorze, é um hino de harpa eólia; aos quinze, é um astro em torno do qual rodopiam a graça, a harmonia e o amor; aos dezesseis, é uma estátua de Madona que procura um coração de homem para dele fazer o seu altar..." E é preciso encontrá-lo com urgência, pois, aos vinte e dois, será "uma lágrima da noite banhando um túmulo de virgem", ou melhor, uma solteirona... **(Citações da revista Íris, 1905). (In: Nosso Século, 1900-1910. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p.119).**

O fato é que não se sabe ao certo quem foi a jovem, talvez uma das namoradas de Joaquim Murtinho, já que ele nunca se casou.

O solteirão de Santa Tereza que teve a vida toda governada pelo dinheiro acabou sendo, ele mesmo, homenageado nas cédulas do Tesouro Nacional, em 1920, 1921 e 1923. Por "coincidência" todas no valor de 2 mil-réis. Essas cédulas foram produzidas pela Casa da Moeda e já eram o prelúdio da produção em escala que teve início em 1970, com a cédula de 1 cruzeiro (figura alegórica da República – com o barrete frígio). E a história não parou por aí, pois nas novas cédulas do Real, como nas anteriores, temos a imagem da República. Ela continua com o barrete frígio, eterno símbolo da liberdade.

Observação: Do bilhete de 20 dólares do *Bank of Nova Scotia* do Canadá (PS627), encontramos apenas um raro modelo (*specimen*) impresso em papel cartão, tido como único. Nem mesmo no livro do Banco (que traz a reprodução de vários exemplares), ele aparece. É provável que esse bilhete não tenha circulado, ou que sua circulação tenha sido restrita. Os demais, que trazem a gravura "Zella", ainda podem ser encontrados com mais facilidade no mercado numismático.
A fabricação de papel-moeda é realizada por indústria especializada, sendo que, até os anos 60, existiam cerca de 20 impressores, entre eles a *American Bank Note Company* (ABNCo.) e a *Thomas de La Ru*e (TDLR). Com o desenvolvimento da indústria, muitos países que anteriormente dependiam de encomendas externas passaram a fabricantes, como é o caso do Brasil. Com essas mudanças, a ABNCo. deixou o mercado, a que tudo indica, em 1985, ano em que foi vendido o seu prédio histórico em Manhattan.

Bibliografia

- *A formação das Almas: O imaginário da República no Brasil.* José Murilo de Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- *Arquivo de Sombras: A privatização do Estado brasileiro nos anos iniciais da Primeira*

República. Fernando Antonio Faria. Rio de Janeiro, Sette Letras, c.1996.
- *Bilhetes Bancos Particulares y Republica de Chile Impresos por American Banknote New York* – 1865-1920, Coleccion Art., s/d.
- Boletim da Sociedade Numismática Brasileira (SNB), n° 50, São Paulo, 1976.
- Boletim da Sociedade Filatélica e Numismática de João Pessoa (SFNJP), n° 68, 2001, p.4.
- Brasil: Congresso Nacional. *Anais da Câmara dos Deputados.* V.5, Rio de janeiro, 6 de setembro de 1900, p.144-145.
- *Catálogo J. Vinicius de cédulas do Brasil. Cédulas do Brasil de 1773 a 1980*. José Vinicius Viera do Amaral. São Paulo, 1982.
- *Catálogo do Papel Moeda do Brasil, 1771-1986, Emissões oficiais, bancárias e regionais.* Violo Idolo Lissa. Brasília: Ed. Gráfica Brasiliana Ltda., 3ª edição, 1987.
- *Cédulas Brasileiras da República – Emissões do Tesouro Nacional.* Banco do Brasil S.A. Rio de Janeiro, 1965.
- *Cédulas do Brasil 1833 a 2003*. Cláudio Amato, Irlei S. Neves, Julio E. Schütz. São Paulo, 2003.
- *Dinheiro no Brasil.* F. dos Santos Trigueiros. Rio de Janeiro, 2ª edição, Léo Cristiano Editorial, 1987.
- *International Bank Note Society Journal, Volume 40, nº2, 2001, p. 8-27.*
- Levantamento do Meio Circulante entre os anos de 1889 (Proclamação da República) até o ano de 1904 para o filme Sonhos Tropicais. Márcio Rovere Sandoval. Florianópolis, 2002. (não publicado).
- *Standard Catalog of World Paper Money – Specialized Issues*. Edited by George S. Cuhaj, 10th edition, Vol. I, USA, 1170 p., 2005.
- *Standard Catalog of World Paper Money – General Issues* (1368-1960). Edited by George S. Cuhaj, 12th edition, USA, 1224p., 2008.
- *The Scotia Bank Story – A history of the Bank of Nova Scotia*, 1832-1982. Joseph Schull and J. Douglas Gibson. Toronto, 1982.

Dedico esta matéria ao saudoso Edmundo de Carvalho, que tinha um interesse especial por esta história. Agradeço aos colegas da AFSC e em especial a Milton Milazzo Jr. que se desdobrou para nos fornecer fontes importantes para elaboração desta matéria e a Rubens Moser pelas cópias dos boletins das Associações.

A **AFSC** convida para suas reuniões regulares:

Quintas-feiras, a partir das 18 horas

Sábados, a partir das 14h30min

Nossa Sede permanece aberta de segunda a sexta-feira, de 14h30min às 19 horas.

Censura postal no Rio Grande do Sul

Roberto João Eissler - Jaraguá do Sul, SC

Desde o final de 1917 até o ano de 1945, há 36 "carimbos tipo" diferentes de censura postal no Rio Grande do Sul, registrados no catálogo Meiffert, 2001. Por "carimbos tipo" chamamos aqueles que recebem a mesma numeração do catálogo, apesar de apresentarem diferenças como cor, tamanho, ou mesmo tipos de algarismos.

A censura postal no Rio Grande do Sul engloba os períodos 1917-1919; 1924-1926; 1930-1933 e 1936-1945, indicando longo período de censura entre o início da Primeira Guerra Mundial e o final da Segunda Grande Guerra. A título de ilustração, apresentamos um envelope censurado no Rio Grande do Sul, circulado de Porto Alegre para Caxias, RS (16.10.1930). Porte 900Rs, 2º porte nacional registrado.

O envelope apresenta margem de folha de selos como etiqueta de censura e carimbo azul semelhante ao Meiffert nº1.6.5. O carimbo, além de dimensões diferentes, apresenta as letras "ta" antes da da palavra "censurra", indicando a possibilidade de haver a palavra "Aberta". Somente o texto "Censurra Revulucionaria" mede 74x4mm e a

palavra Caxias 16x4mm.

Sendo assim, este carimbo é mais uma descoberta e contribuição ao referido catálogo. Além disso, apresentamos a hipótese do carimbo catalogado estar incompleto, pois acrescentando-se a palavra “Aberta” na primeira linha, “Caxias”, na segunda linha, ficaria centralizada.

Verso (parcial) do envelope censurado

- Cédulas
- Moedas
- Catálogos
- Material Numismático e Filatélico, nacional e importado da marca

Escritório aberto de segunda a sexta-feira das 13:00 às 17:00 hs.
Sábados na SNB e domingos pela manhã na Praça da República.

Rua 24 de Maio, 247 - Cj. 44 - Cep: 01041-001 - São Paulo - SP - Brasil
Fone:11 3333-0669 - e-mail: camato@claudioamato.com.br - www.claudioamato.com.br

O uso de jornal selado em coleções

Demétrio Delizoicov Neto - Florianópolis, SC

É inquestionável a pertinência do uso de jornal selado em coleções tradicionais. No entanto, navegando por sites que disponibilizam a apresentação de coleções de selos, notei, em **coleções temáticas** originárias da Europa, o uso de jornais como peças integrantes do desenvolvimento do tema. Nessas peças foram empregados, principalmente, selos emitidos pela empresa de correio para o pagamento do transporte do jornal. A anulação do selo, em vez de ser por meio de um carimbo de alguma agência do correio, era realizada pela própria impressão do jornal. Ou seja, o selo era colado no papel antes da impressão do jornal, ocorrendo assim uma anulação tipográfica.

A esse respeito, é o seguinte o comentário de Angelo Zioni:

> "Nota-se que, muitas vezes, os selos eram colados nos jornais antes mesmo de serem impressos: disso resulta a existência de selos com textos jornalísticos em sobrestampa e mesmo fragmento onde melhor se nota a anomalia que, na realidade foi muitas vezes repetida, maximé *(sic)* em tempos antigos quando a indústria gráfica era bastante rudimentar." (ZIONI, apud QUEIROZ, 1998).

A seguir, algumas dessas peças são exemplificadas.

Nota-se que os selos da figura 1 - coleção *WHITE & BLACK: THE HISTORY OF PAPER AND PRINTING*, de colecionador de Luxemburgo, no site EXPONET -, têm características de selos obliterados e os jornais, de material circulado. Cabem as perguntas: Estamos diante de material de natureza postal? Seriam tais peças filatélicas passíveis de uso em coleções temáticas?

Muito embora me parecesse razoável o uso desse tipo de peça numa coleção, uma vez que a impressão do jornal sobre o selo estaria com a função de um carimbo e, desse modo, a possibilidade de articulação do que havia sido impresso com algum aspecto de um particular tema, resolvi procurar mais informações que justificassem a presença de papel jornal selado em coleções temáticas. Como a anulação dos selos não foi realizada por carimbos originários de agência de correio, necessariamente a existência de alguma autorização oficial deve ser considerada como exigência mínima para que jornais com selos anulados tipograficamente pudessem ter validade postal.

De fato, em outra coleção, - *MASKS OF UNIVERSE, REFLECTION HOW HUMANS SEE THE UNIVERSE*, de colecionador da Holanda, no site EXPONET -, encontrei como parte da descrição filatélica de uma peça exposta, de origem francesa: "*Porte de 1c, de primeiro de maio de 1878, conforme regulamento postal de 6 de abril de 1878*" (tradução do inglês, realizada por mim), como mostra a figura 2.

4.3.1 Postzeitungsvertrieb — ***4.3.1 Newspaper postal delivry***

Zeitungsdruckentwertung - Zur beschleunigten Beförderung von Zeitungen unter Streifband war es in verschiedenen Ländern üblich (in Frankreich ab 1860), die zur Entrichtung des Portos notwendigen Marken seitens der Druckerei so auf den Druckbogen zu kleben, dass die Marken vom Druck getroffen und damit entwertet wurden. Es handelt sich hier also um eine Art Vorausentwertung.

...nt. le N° — SAMEDI 13 AOUT 1870.

MONTÉLIMAR

...A DROME

...IRE ET COMMERCIAL

...[illegible], pour l'année 1870, dans les journaux suivants : ... de Die, pour l'arrondissement de Die ; le *Journal de Montélimar*, pour ... le *Pontias*, pour l'arrondissement de Nyons.

ABONNEMENT : Départements non limitrophes 9 fr. par an.

de plus, d'arsenaux bien garnis, d'armes perfectionnées et de ressources sans nombre.

L'honorable magistrat a recommandé l'union des partis. Cette union est faite ; et nous n'hésitons pas à affirmer que si quelqu'un pouvait mettre au-dessus de l'intérêt public quelques misérables spéculations politiques, celui-là serait considéré par tous comme un ennemi de son

Par décret en date du 7 août tous les citoyens valides de trente à quarante ans qui ne font pas actuellement partie de la garde nationale sédentaire, y seront incorporés. La garde nationale de Paris est affectée à la défense de la capitale et à la mise en état de défense des fortifications.

30 SEPTEMBRE 1877 — N° 39 (227e DE LA COLLECTION).

...QUE CHARENTAISE

Revue non politique, paraissant chaque Semaine

...ATURELLES — HISTOIRE LOCALE — BIOGRAPHIE — BEAUX-ARTS — PORTRAITS, DESSINS ET CARTES
... — POÉSIE — CONTES, NOUVELLES ET LÉGENDES — JEUX D'ESPRIT — COMMERCE — ANNONCES

Rédacteur-Gérant, Eugène Lemarié — *Prix : 10 fr. par an, 1 fr. par mois, 20 cent. le n°*

morceau extrêmement difficile, comme mécanisme et comme style. L'aisance et la facilité avec lesquelles elle l'a rendu nous a charmé et prouve qu'elle a atteint comme pianiste un talent hors ligne. Sa tenue au piano avec l'orchestre nous a convaincu de sa bonne organisation musicale.

entrer dans l'arène son immense cage ; tout d'un coup un craquement se fit entendre, les cordes de la toile se cassèrent, lustres, candélabres s'effondrèrent ; acteurs, public, bêtes féroces, tout fut enseveli sous cet immense toile que la pluie avait rendue si pesante.

Ce fut alors une scène impossible à décrire. Les cris des assistants qui cherchaient à se débarrasser de ce vaste linceul, se mêlaient aux rugissements des bêtes féroces...

Figura 1

Figura 2

Na busca de tal regulamento, localizei o site www.academiedephilatelie.org. Nele consta a relação de documentos oficiais do correio da França, na qual há referência a um *Boletim Mensal do Correio* francês que registra a existência do regulamento de abril de 1878, mencionado pelo expositor. Não pude, até o momento, ter acesso a esse regulamento. No entanto, creio ser pouco provável que o expositor, que justificou o uso da peça mencionando aquele documento oficial do correio francês, na sua legenda filatélica, estivesse dando informação falsa.

Por outro lado, Migoux (1995) em seu livro *La philatélie thématique* argumenta que esse tipo de peça constitui, na realidade, material limite ("border-line") por ser resultado de uma regulamentação postal, cuja finalidade era a de simplificar o trabalho. Para não precisar carimbar o selo correspondente ao porte para remessa de jornais, as Administrações postais solicitavam aos impressores de jornais que colassem o selo antes da impressão do texto. O autor informa que durante um certo período, de 1868 a 1880, foram várias as Administrações que, através do estabelecimento de regulamentações específicas, assim procederam.

A necessidade de regulamentação postal específica para o envio de jornal, inclusive a que facilitasse o trabalho dos correios, tem uma história que remonta ao período pré-filatélico. Assim, podemos encontrar, por exemplo, no ***vol. 33, n. 2 do British Philatelic Bulletin:***

> "Desde 1712 vigorava uma taxa para jornais, indicada por um selo vermelho impresso no canto superior direito da primeira página. Era um selo fiscal. Entretanto, como ele registrava, automaticamente, a entrega gratuita do periódico pelos Correios, foi levantada a ideia de que ele deveria ser considerado como selo postal, mesmo argumento aplicado aos "Cavallini" da Sardenha. Quando a taxa para jornais foi abolida em 1855, os exemplares enviados pelos Correios continuaram a utilizar os mesmos selos, ou similares, ancestrais dos PPI's (impressos de porte-pago) dos dias de hoje. Os editores se ressentiam da cobrança dessa "taxa sobre o saber" e faziam constantes campanhas contra ela. Charles Knight, escritor e editor de revistas, organizou uma dessas campanhas em 1834, para a qual convocou seu amigo e vizinho Matthew Davenport Hill, que ficou encarregado de lançar a questão na Câmara dos Comuns. Quando o problema do envio de jornais não selados pelos Correios foi discutido, Knight sugeriu que um comprovante de pré-franqueamento, com o valor de 1 "penny", fosse emitido pelo Governo. Durante o debate no Parlamento, em 22 de maio de 1834, Matthew Hill declarou que Knight recomendava a adoção de um invólucro selado para a remessa de jornais pelos Correios, invólucro esse que deveria ser vendido pelo

valor de 1 penny pelos distribuidores de selos (isto é, pelos agentes da Diretoria de Selos e Taxas que administravam os selos fiscais).” (MACKAY, 1995).

No entanto, selos específicos para envio de jornais acabaram sendo criados. O primeiro selo postal utilizado em jornais foi emitido pelo governo austríaco, em 1851, justamente com a finalidade de portear jornais e periódicos. Como sabemos, no Brasil, em 1846, o selo inclinado de 10 réis foi criado para portear jornais e, em 1854, foram emitidos selos de 10 e 30 réis (os JORNAES) destinados ao mesmo fim. Em 1888, o correio do Brasil editou uma regulamentação para outros selos especiais, criados em 1889 e 1890, para uso pelos impressores de jornais. O uso de selos específicos para porte de jornais foi abolido em 1894.

Podemos, com esta breve retrospectiva histórica, reconhecer que foram várias as maneiras pelas quais os correios se relacionavam com os usuários de seus serviços no que se refere ao porteamento de jornais. É com esta perspectiva que podemos entender as regulamentações que propuseram a obliteração de selos por meio da anulação tipográfica.

Migoux (1995) é de opinião que, no limite, podem ser usados, como peças filatélicas, os jornais cujos selos foram anulados tipograficamente, desde que o relacionamento com o tema da coleção seja feito unicamente pelo que foi impresso sobre o selo, pois, segundo ele, a impressão faz o papel da anulação oficial de um selo. Entretanto, enfatiza que todo o resto do texto que compõe o jornal não tem papel postal e não pode ser considerado.

Nas coleções destacadas neste artigo, notamos que o uso desse tipo de peça, na articulação com a temática desenvolvida, explorou a parte impressa do jornal que está na página do selo anulado. Os exemplos das figuras 3 e 4 são da coleção holandesa.

Figura 3

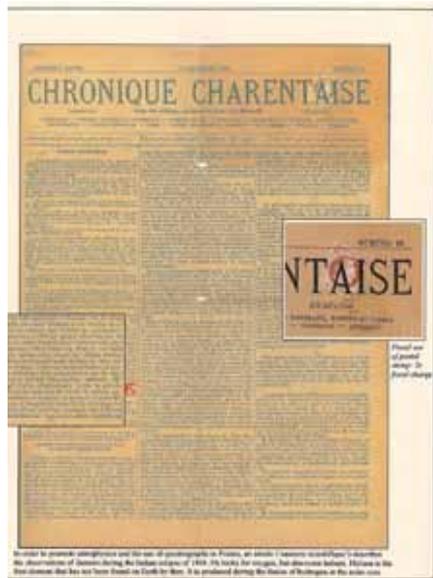



Figura 4

Os expositores consideraram todos os elementos impressos que se encontram na mesma página onde está o selo cuja anulação foi tipográfica.

Em suma, periódicos selados parecem ampliar os tipos de peças com as quais os colecionadores temáticos podem diversificar suas coleções. Contudo, certa parcimônia na utilização desse tipo de peça é recomendável, por tratar-se de material considerado limite.

REFERÊNCIAS:

MACKAY, JAMES. Invention of the postage stamp. *British Philatelic Bulletin*, vol. 33, n. 2, p. 52 a 55, 1995.

MIGOUX, ROBERT. *La philatélie thématique.* Paris: Editions G.I.P., 1995.

QUEIROZ, RAYMUNDO GALVÃO. *Dicionário de Filatelia*. Brasília: Thesaurus, 1988.

Fernando Pessoa

Américo Rebelo - Porto, PORTUGAL

Fernando Antônio Nogueira Pessoa, mais conhecido por Fernando Pessoa, nasceu em Lisboa a 13 de Junho de 1888, às quinze horas e vinte minutos, no Largo de São Carlos, 4º andar esquerdo. Foi batizado a 21 de Julho de 1888, na Basílica dos Mártires, que se encontra no Chiado, Lisboa. O nome Fernando Antônio tem a ver com o Santo Antônio de Lisboa, dado que o seu nome de batismo era Fernando de Bulhões. O dia de Santo Antônio comemora-se a 13 de Junho, que por coincidência é o dia de nascimento de Fernando Pessoa. Era filho de Joaquim Seabra Pessoa e Maria Madalena Pinheiro Nogueira Pessoa. O seu pai faleceu a 24 de Julho de 1893, acometido por tuberculose, e o seu irmão faleceu um ano mais tarde. A sua juventude foi passada em Durban – África do Sul, por motivo da sua mãe ter então se casado com o Cônsul de Portugal em Durban. A língua Inglesa foi muito importante na vida de Fernando Pessoa, pois deu-lhe a oportunidade de contactos com vários autores Ingleses.

Fernando Pessoa foi poeta e escritor, tendo-se dedicado ao jornalismo e à literatura. Os críticos literários Harold Bloom ***(Nova Iorque, 11 de Julho** de **1930)*** e Pablo Neruda ***(Parral, 12 de Julho** de **1904 - Santiago, 23 de Setembro** de **1973)*** consideraram Fernando Pessoa como um dos poetas mais representativos do século XX. Foi reconhecido com um dos maiores poetas Portugueses a seguir a Camões. Na literatura, criou diversas personalidades, conhecidas como heterónimos. No ano de 1904 terminou os seus estudos na África do Sul, regressando a Portugal no ano de 1905, com 17 anos, para continuar estudando e frequentar o curso de Letras, que não concluiu, tendo desistido em 1907. Graças ao conhecimento da Língua Inglesa, trabalhou como tradutor em escritórios na cidade de Lisboa. Dedicou-se à poesia e à escrita por vocação e não como profissão. No ano de 1910, escreveu poesias em Português, Francês e Inglês. Mais tarde, no ano de 1912, estreou como crítico literário.

Segundo depoimentos de vários críticos literários, a obra de Fernando Pessoa é ***"altamente intelectualizada".*** No ano de 1915, foram publicadas as suas primeiras poesias na revista "Orfeu". Em Portugal, foi reconhecido como um "grande prosador do modernismo", tanto quando escrevia com o seu nome, ou através dos seus heterónimos, como exemplos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. As suas obras literárias foram publicadas tanto em prosa como em verso. Dessas publicações destacam-se: A Águia, Athena, Centauro, Contemporânea, Exílio, Presença, Orpheu e outras.

Independentemente da paixão pela escrita, Fernando Pessoa apaixonou-se por uma senhora, cujo nome era Ofélia Queirós, com quem manteve uma relação estável, apesar de ter sido sempre solteiro.

Fernando Pessoa, uma figura de tal forma enigmática e também por ter sido considerado o maior autor da heteronímia, obrigou a um estudo minucioso sobre sua vida e obra. A 29 de Novembro de 1935, foi-lhe diagnosticada uma cólica hepática, derivada do consumo excessivo do álcool, vindo a falecer no dia seguinte, 30 de Novembro 1935.

Os C.T.T. de Portugal homenagearam Fernando Pessoa com duas emissões de selos, respectivamente nos anos de **1975 – EUROPA CEPT – PINTURA e 1985 – VULTOS DAS ARTES, LETRAS E PENSAMENTOS PORTUGUESES.**

1975 – EUROPA CEPT – PINTURA

Desenho: *Dos serviços Artísticos dos CTT*
Impressão: *Offset na Casa da Moeda*
Folhas: *De 50 selos de cada taxa (5 x 10)*
Circulação: *De 6 MAI 1975 a 31 DEZ 1983*
Papel: *Esmalte*
Denteado: *13 ½*
O selo de 1$50 *representa uma pintura do século XIX, "Cavaleiro". Retirada do Manuscrito "O Apocalipse do Lorvão" que foi produzido nos finais do século XII, no Mosteiro de Lorvão em Portugal. Esse Manuscrito encontra-se nos arquivos da Torre do Tombo.*
O selo de 10$00 *representa uma pintura do século XX – Fernando Pessoa, desenhada por Almada Negreiros, um de seus grandes amigos.*

1985 – VULTOS DAS ARTES, LETRAS E PENSAMENTOS PORTUGUESES

Desenho: *Luís Duran*
Impressão: *Offset na Casa da Moeda*
Folhas: *De 50 selos de cada taxa (5 x 10)*
Circulação: *De 2 OUT 1985 a 31 DEZ 1992*
Papel: *Esmalte Florescente*
Denteado: *12 X 11 ½*
O selo de 20 C. *é alusivo ao Centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro (Tabosa do Carregal, 13 de Setembro de 1885 — Lisboa, 27 de Maio de 1963). Foi um escritor português.*
O selo de 46 C. *é alusivo ao Cinquentenário da morte de Fernando Pessoa.*

Selos de Fiscalização em Santa Catarina

Luis Claudio Fritzen - Florianópolis, SC

Os "Selos de Fiscalização", no âmbito de Santa Catarina, foram instituídos pela Lei Complementar nº 175, de 28 de dezembro de 1998. Tal lei foi alterada pelas Leis Complementares nº 279, de 27 de dezembro de 2004; nº 365, de 7 de dezembro de 2006; nº 408, de 7 de maio de 2008 e nº 419, de 23 de dezembro de 2008. O texto legal original se destinava a regulamentar, no âmbito estadual, a gratuidade prevista na Lei Federal nº 9.534/97, atinente ao registro civil de nascimento e óbito e à primeira certidão relativa a tais casos, ou às demais certidões em favor das pessoas reconhecidamente pobres. Além disso, regulamentava a arrecadação de recursos para o ressarcimento de despesas com tais atos e com as serventias extrajudiciais.

A implantação do "selo de fiscalização" foi uma maneira de garantir a segurança dos atos notariais e registrais, e ainda um aperfeiçoamento sobre a fiscalização destes pelo Poder Judiciário.

Conforme o Manual Informativo dos Selos de Fiscalização dos Atos Notariais e Registrais, editado em 2009, pela Corregedoria-Geral da Justiça do Tribunal de Justiça de Santa Catarina (em sua página 5), a "*utilização dos Selos de Fiscalização é de mister importância para a consecução dos objetivos que levaram à sua instituição. O correto uso desse importante instrumento permitirá o acesso à população de baixa renda aos serviços cartorários, viabilizando, igualmente, a regularização de situações de fato não oficializadas em razão dos custos que ensejariam. De outra parte, só assim os serventuários serão ressarcidos pelo atos que praticarem, medida essencial à saúde financeira de algumas serventias* ".

Desse modo, passou a ser obrigatório o uso do Selo de Fiscalização em todos os atos notariais e de registro levados a efeito em Santa Catarina, gratuitos ou não. Somente será inserido no ato que circular fora do cartório, o qual deverá ser entregue ao usuário devidamente selado (Art. 7º, da LC 175/98).

No período compreendido entre 27 de outubro de 1999 e 31 de dezembro de 2004, os selos de fiscalização foram confeccionados e fornecidos pela CMB – Casa da Moeda do Brasil. Em 03 de janeiro de 2005, passaram a ser impressos e distribuídos pela ABNote – American Bank Note, o que perdurou até 30 de abril de 2009. A contar de 22 de maio de 2009, voltaram a ser fabricados pela CMB – Casa da Moeda do Brasil.

TIPOS DE SELOS DE FISCALIZAÇÃO

Os Selos de Fiscalização se classificam em "comuns" e "especiais", sendo que em ambas as hipóteses apresentam numeração autônoma. Os selos comuns podem ser simples (um ato) ou múltiplos (dois ou quatro atos), enquanto os especiais dividem-se em D.U.T. e Escritura com valor.

Os selos múltiplos foram criados pelo Provimento nº 15/2001. Contendo o documento mais de um ato, a cada um deles corresponderá um selo. Mas para a autenticação de cópia de frente e verso do cartão de CPF, de título de eleitor ou de documento de identidade será utilizado apenas um único selo de um ato. Desdobrando-se o documento por mais de uma folha, mas constituindo um só ato, será exigido apenas um selo de um ato.

Os modelos dos selos, hoje em vigor, foram definidos pela Corregedoria-Geral de Justiça, do Tribunal de Justiça de Santa Catarina.

Selo de Fiscalização Isento. Deve ser utilizado nos atos cartoriais em que a legislação conceda isenção de emolumentos ou gratuidade a pessoas que não possuem condições econômicas de arcar com o encargo. Igualmente é utilizado em protestos de títulos em que for devedor microempresário ou empresa de pequeno porte (Lei Complementar Federal nº 123, de 14 de dezembro de 2006).

Selo de Fiscalização Isento (dois atos).

Selo de Fiscalização Pago. Usado em atos pagos pelo usuário dos serviços das serventias em todos os atos notariais ou registrais, mesmo quando houver redução do valor dos emolumentos.

Selo de Fiscalização Pago (dois atos).

Selo de Fiscalização Pago (quatro atos).

Selo de Fiscalização D.U.T. É utilizado em atos de reconhecimento de firma lançada em documentos de transferência de veículo automotivo.

Selo de Fiscalização Escritura com Valor para uso em translados dos atos notariais que visam dispor de bens ou direitos de conteúdo econômico apreciável, como exemplo, na transmissão e divisão de propriedade e constituição de ônus reais.

FORMAS DE UTILIZAÇÃO

Os Selos são entregues diretamente aos Cartórios pela empresa fornecedora (CMB ou ABNote), após autorização da Diretoria de Orçamento e Finanças do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, em pacotes inviolados, em quantidade correspondente à solicitada. Geralmente o prazo de entrega é de dez dias úteis, mas em caráter emergencial poderá ser reduzido a cinco dias úteis.

É vedado o repasse do Selo de Fiscalização de uma serventia à outra.

A responsabilidade pelo armazenamento dos selos é do titular da serventia, devendo ser guardados em local seguro e em condições que mantenham íntegras suas características.

Devem necessariamente ser utilizados sequencialmente, do número menor para o maior. Após ser retirado pelas bordas, por ser auto-adesivo, deve imediatamente ser afixado no papel. O carimbo da serventia e a assinatura do responsável serão apostos sobre parte do selo, sem ocultar a sua numeração ou demasiadamente os seus caracteres de segurança. É expressamente vedada a sobreposição de selos.

Na autenticação de documento contendo várias páginas, a cada uma delas corresponderá um selo, iniciando-se da última e retroagindo sem interrupção. No verso do documento autenticado será utilizado um carimbo “Em Branco”. Nas certidões em forma de relação expedidas para entidades de proteção ao crédito ou instituições financeiras, o número de selos pagos deve ser igual ao número de devedores relacionados, mas se forem expedidas para alguma entidade beneficiada com isenção de emolumentos, será aplicado apenas um selo de isento, independente do número de devedores ou de buscas efetuadas.

O Selo de Fiscalização não apresenta expressamente o seu valor. Inicialmente o seu valor unitário era de R$ 0,40 (Art. 8º, da LC 175/1998), sendo majorado para R$ 0,80 (LC 279, de 27 de dezembro de 2004) e, depois, para R$ 1,00 (LC 365, de 07 de dezembro de 2006). Por esta última norma, o selo especial do D.U.T. tem valor de R$ 2,00 e o de Escritura valor de R$ 5,00.

CARACTERÍSTICAS DE SEGURANÇA

Para efeito de segurança, foram estabelecidas as características aqui destacadas:

1 – Fundo numismático simplex, em offset.
2 – Brasão de Santa Catarina, em talho-doce.
3 – Tinta prata anti-scaner, em offset.
4 – Microletra positiva "Selo de Fiscalização", em offset.
5 – Fundo numismático duplex com desenho incorporado, em offset.
6 – Controle alfanumérico, em impressão inkjet.
7 – Microtexto negativo "SF", em talho-doce.
8 – Filigrana negativa com imagem latente "PJ", em talho-doce.
9 – Imagem escondida "PJ" impressa em relevo, sendo visível somente com pequena inclinação do selo.
10 – Microtexto negativo "Selo de Fiscalização", em talho-doce.
11 – Filigrana negativa incorporada, em talho-doce.
12 – Impressão com imagem "Themis" e os dizeres "Selos de Fiscalização", em tinta somente reativa à luz UV.

COMPETIÇÃO MUNDIAL DE MELHOR MÁXIMO POSTAL CRIADO EM 2009 - FIP

George Constantourakis - Montreal, CANADÁ (*)

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE PHILATÉLIE

CHAIRMAN: GEORGE CONSTANTOURAKIS

2115 GIROUARD
MONTREAL QC,
H4A 3C4 CANADA
TEL: +5144822764
Email:geoconstant@bell.net
geo.constant@sympatico.ca

Durante a Conferência da Comissão de Maximafilia da FIP, em Lisboa, Portugal, no dia 7 de outubro de 2010, os delegados participantes foram convidados para votar, de acordo com as regras da Competição Anual Mundial de Maximafilia, nos três melhores máximos postais criados durante o ano de 2009. Os principais objetivos dessa competição são encorajar os criadores de máximos postais a produzirem maravilhosas peças (sempre de acordo com as regras) e premiar o importante conhecimento de Maximafilia e a pesquisa de Marcofilia, que resultam em máximos postais de alta qualidade.

Cinquenta e três (53) países participaram da competição, com um incremento de oito (8) países desde o ano anterior. Os países participantes foram: Aland, Alemanha, Andorra, Argentina, Armênia, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Bulgária, Canadá, China, Chipre, Coréia do Sul, Dinamarca, Eslováquia, Espanha, Estados Unidos, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hong Kong, Ilhas Malvinas, Inglaterra (Reino Unido), Israel, Itália, Liechtenstein, Luxemburgo, Macau, Macedônia, Malásia, Malta, Moldova, Mônaco, Montenegro, Nova Zelândia, Países Baixos (Holanda), Polinésia Francesa, Portugal, República Tcheca, Romênia, Rússia, Saint-Pierre e Miquelon, San Marino, Sérvia, Singapura, Suíça, Taiwan (Taipei), Território Antártico Australiano, Território Antártico Francês, Vaticano e Venezuela.

O resultado completo da Competição Mundial de Melhor Máximo Postal criado em 2009 foi o seguinte:

1º lugar: Portugal – 57 pontos
2º lugar: Chipre – 39 pontos
3º lugar: Rússia – 33 pontos
3º lugar: Espanha – 33 pontos
4º lugar: Canadá – 18 pontos
4º lugar: China – 18 pontos

(*) Traduzido e adaptado a partir do original em inglês por Agnaldo de Souza Gabriel (agnaldo.gabriel@uol.com.br), em 21 de novembro de 2010.

4º lugar: França – 18 pontos
5º lugar: Venezuela – 15 pontos
6º lugar: Taiwan (Taipei) – 12 pontos
6º lugar: Luxemburgo – 12 pontos
7º lugar: Mônaco – 9 pontos
7º lugar: Singapura – 9 pontos
5º lugar: Alemanha – 15 pontos
6º lugar: Argentina – 12 pontos
6º lugar: Grécia – 12 pontos
7º lugar: Austrália – 9 pontos
7º lugar: Sérvia – 9 pontos

Todos os demais países (inclusive o Brasil) receberam menos de 9 pontos.

George Constantourakis
Presidente
Comissão de Maximafilia da FIP

Anny Boyard
Secretária

O resultado dos três melhores máximos postais criados em 2009 foi o seguinte:

1º Lugar: PORTUGAL

O CHEIRO DO CAFÉ - OS SELOS E OS SENTIDOS

Esse máximo postal foi criado pela "Associação Portuguesa de Maximafilia". O carimbo de 1º dia de circulação traz uma menção especial e, também, uma ilustração em concordância (tripla). O selo foi emitido em 02/10/2009, como parte de uma série de cinco selos e um bloco.

O bloco homenageia os 200 anos do Nascimento de Louis Braille e seu texto aparece também em caracteres braile. Os cinco selos são dedicados a cada um dos sentidos. O *olfato* recebeu o aroma de uma xícara de café. O *tato* parece tinta saindo do tubo. A *visão* exibe imagens holográficas nas lentes que mudam de acordo com a posição do selo. O *paladar* identifica o sabor de baunilha na goma do selo, que mostra um sorvete. A *audição* é sensível ao ruído feito quando se esfrega a superfície áspera da lima estampada no selo.

Nota da tradução: a série "Os selos e os Sentidos" também ganhou o Prêmio Internacional de Arte Filatélica - Asiago 2010.

2º Lugar: CHIPRE

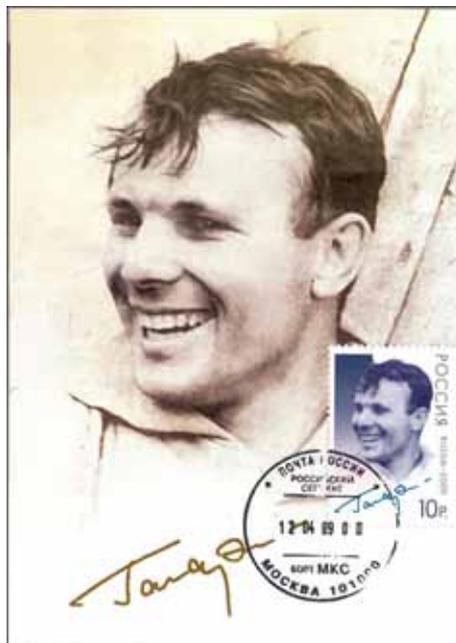
PLANETA TERRA

Esse máximo postal foi criado por Nicos Rangos, presidente da Sociedade Filatélica do Chipre e ex-presidente da Comissão de Maximafilia da FIP. O carimbo de 1º dia de circulação tem uma ilustração também em concordância (tripla).

Esse se-tenant foi lançado em 4 de maio de 2009 e retrata um mapa-múndi. O se-tenant tem denteação entre os selos, formando dois selos em separado. No selo da esquerda está o mapa da América do Norte e Central e parte da América do Sul, enquanto o selo da direita traz a Europa e parte da Ásia e da África. O selo foi lançado como parte de três anos de celebração do _Ano Internacional do Planeta Terra (International Year of the Planet Earth - IYPE)_, de janeiro de 2007 a dezembro de 2009. O ano de 2008 foi proclamado pela Assembleia Geral da ONU como o Ano das Nações Unidas. O ano promove o uso inteligente dos materiais da Terra e incentiva um melhor planejamento e gestão. O Ano Internacional do Planeta Terra tem como objetivo assegurar o uso maior e mais efetivo, pela sociedade, do conhecimento acumulado pelos 400 mil cientistas da Terra.

3º Lugar: RÚSSIA

YURI GAGARIN (1943 – 1968)

Esse máximo postal é o primeiro criado além dos limites da Terra. Ele foi criado em parceria pelo cosmonauta Gennadiy Padalka, comandante da 19ª expedição à Estação Espacial Internacional (ISS) e por Viacheslay Klochko, colecionador e jurado de Astrofilatelia da FIP (vice-presidente da União dos Filatelistas da Rússia).

Em 2009, o Correio da Rússia lançou um cartão-postal em homenagem aos 75 anos do Nascimento de Yuri Gagarin (09/03/2009), o primeiro cosmonauta do mundo. Nesse cartão-postal está impresso o retrato do cosmonauta. No dia 6 de março do mesmo ano, o Correio da Rússia lançou um selo de 10 rublos, com ilustração similar à do cartão-postal.

Em 28 de março de 2009, a tripulação das 19ª e 20ª expedições à ISS, sob o comando do cosmonauta russo Gennadiy Padalka, chegou à ISS a bordo da espaçonave Soyuz TMA-14. A tripulação levou, como parte de sua carga, 52 cartões-postais. Cada um desses cartões-postais tinha afixado na frente um selo de 10 rublos. Esses cartões-postais foram obliterados em 4 de abril de 2009 (dia do Espaço Sideral) com um carimbo oficial feito pelo Correio da Rússia, atendendo a um pedido da Agência Espacial Russa e, de acordo com Viacheslay Klochko, tornaram-se os primeiros máximos postais feitos além dos limites da Terra.

3º Lugar: ESPANHA

'LAS MENINAS' (*As Damas de Honra*) com a Infanta Margarita Teresa

Esse máximo postal retrata uma pintura de 1656 de Velázquez, do Museu do Prado, em Madri, Espanha. O selo foi emitido em 22 de outubro de 2009, em emissão conjunta com a Áustria. O carimbo de 1º dia de circulação tem concordância de texto e de ilustração (tripla). Esse máximo postal foi criado pela ASEMA (Associação Espanhola de Maximafilia).

Margarita Teresa (1651 - 1673) era filha do rei Filipe IV da Espanha. Por razões políticas, foi prometida ao seu tio materno, Leopoldo I, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Em 1666, depois da morte do seu pai, aos 15 anos, viajou para Viena, Áustria, e foi recebida por seu futuro marido. Depois de dar à luz a quatro filhos, e enfraquecida por muitos abortos espontâneos, morreu em 1673, com apenas 21 anos.

Essa pintura de Velázquez mostra o estilo maduro do artista e poderia ter o subtítulo de "o artista em seu estúdio", pois ela mostra o próprio Velázquez pintando uma enorme tela. No centro está a Princesa Margarita, posando para ele, entre suas companheiras e damas de honra. O rosto de seus pais, o rei e a rainha, aparecem no espelho na parede ao fundo. A pintura mostra a fascinação de Velázquez pela luz. As variações de luz direta e refletida em "*Las Meninas - As Damas de Honra*" são quase ilimitadas.

Para anunciar no boletim
Santa Catarina Filatélica:

Página inteira:	R$ 60,00
Meia página:	R$ 40,00
Terço de página:	R$ 30,00
Quarto de página:	R$ 20,00

Próxima edição:
agosto de 2011

O Colecionismo depende de todos nós.

A AFSC desenvolve um importante trabalho de divulgação do colecionismo em geral, além da edição deste Boletim - Santa Catarina Filatélica. Anualmente, realiza, no mês de agosto - mês do seu aniversário de Fundação -, o tradicional Encontro de Colecionadores.

Todas as publicações e convites para realizações da AFSC são enviados aos associados, Clubes e Associações congêneres. Há também uma biblioteca especializada à disposição dos associados na Sede da AFSC.

Para suporte aos dispêndios decorrentes das atividades referidas, a AFSC depende principalmente da arrecadação das anuidades pagas por seus associados, que podem ser das seguintes categorias:

Efetivos - residentes na Grande Florianópolis com idade a partir de 18 anos .. R$60,00

Juvenis - com idade inferior a 18 anos .... R$10,00

Correspondentes no Brasil - residentes fora da grande Florianópolis .... R$30,00

Correspondentes no Exterior - residentes fora do Brasil .... US$ 35,00

Associe-se! Remeta à Associação a ficha da página 42, devidamente preenchida, acompanhada de cheque nominal à AFSC, ou de cópia do recibo de depósito na conta corrente 5.049.097-4, agência 5255-8, banco 001- Banco do Brasil.

Ao pagar a anuidade, você terá direito também a um anúncio de texto, gratuito, no site:

www.afsc.org.br

ÍNDICE DE ANUNCIANTES (ordem alfabética)

Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina

Fundada em 6 de Agosto de 1938

Fone/Fax (48) 3222-2748 – Caixa Postal 229

CEP 88010-970 – Florianópolis – SC

www.afsc.org.br

INSCRIÇÃO / ATUALIZAÇÃO DE ASSOCIADO

Nome: ____

Endereço ou Cx. Postal: ______________________________

CEP: __________ Cidade: ____________________ Estado: _______

Telefone: ____________ Profissão: ___________________________

Sexo: ___________ Data de nascimento: ______________________

E-mail: ____

COLECÕES / TEMAS DE SEU INTERESSE:

____

____

____

____

____

☐ Sócio Efetivo ☐ Juvenil ☐ Corresp. Brasil ☐ Corresp. Exterior

Data: ____________ Assinatura: ____________________________